

Abolição e emancipação das mulheres

O primeiro romance de Júlia Lopes de Almeida e as questões que o Brasil ainda não resolveu

Com a *A família Medeiros*, a Editora Hedra inicia a publicação das Obras Completas de Júlia Lopes de Almeida, em 18 volumes.

O romance veio a público, pela primeira vez, em 1891, em folhetim, na *Gazeta de Notícias*, e em livro no ano seguinte. A edição de referência para este volume é a última, de 1919, ano em que a obra foi reeditada e a autora teve a chance de revisá-la, conferindo-lhe forma definitiva, depois de quase trinta anos da primeira edição.

Ambientado na região de Campinas, no estado de São Paulo, o livro retrata os costumes e conflitos de duas gerações da família do Comendador Medeiros, um cafeicultor brutal que resiste à iminente libertação dos escravizados. Por sua vez, Eva, sua sobrinha, e Otávio, seu filho, defendem abertamente os ideais abolicionistas e republicanos.

Cada uma das duas gerações administra uma propriedade rural: a Fazenda Genoveva, conduzida pela mão forte do Comendador e seus asseclas, insiste na brutalidade da exploração da mão de obra escravizada, que, por sua vez, resiste articulando uma revolta, um dos pontos altos do enredo. Trata-se do oposto do que ocorre na fazenda Mangueiral, sob a responsabilidade de Eva, cujas atividades são conduzidas com respeito à dignidade humana por meio da partilha dos lucros.

O registro desse ambiente social e político conturbado, no estado de São Paulo dos últimos anos do século XIX, faz de *A família Medeiros* uma obra fundamental para a compreensão do Brasil contemporâneo. Além do retrato de um momento crucial da nossa história — os acordes finais da crise do Segundo Reinado, a abolição da escravidão e a Proclamação da República —, o livro surpreende pela atualidade de passagens em que o ambiente familiar, cindido pelo debate político, se radicaliza, refletindo duas chagas abertas da sociedade brasileira que ainda estão por resolver, apesar dos avanços recentes: o racismo e a emancipação das mulheres.

Júlia Lopes
de Almeida

A família Medeiros

obras ✱
completas

Metabiblioteca



Título *A família Medeiros*

Autor Júlia Lopes de Almeida

Organizadores Anna Faedrich e Rafael Bal-
seiro Zin

Editora Hedra

ISBN 978-85-7715-721-1

Pág. 280

Pré-venda 30/05

Lançamento XX/XX

Preço R\$ XXXXX

Sobre a autora

Júlia Lopes de Almeida (1862–1934) nasceu no Rio de Janeiro. Considerada um verdadeiro fenômeno literário, escreveu romances, contos, novelas, peças teatrais, crônicas, ensaios, livros didáticos e infantis. Estreou como escritora em 1881, incentivada pelo pai, com uma crônica publicada na *Gazeta de Campinas*. Entusiasta da modernidade e das mentalidades daquele período de efervescência cultural e intenso otimismo, compôs em seus textos um amplo painel da *Belle Époque* carioca. Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi publicado em folhetim, na *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro, de 1888 a 1889. Em seu casarão no bairro de Santa Teresa, oferecia celebrados saraus nos jardins, então conhecidos como *Salão Verde* — onde ocorreram algumas das reuniões de criação da Academia Brasileira de Letras, de que Júlia Lopes teria participado, se não tivesse sido afastada da cadeira que ocuparia sob o argumento de que nossa academia deveria seguir o modelo da francesa, frequentada apenas por homens. Apesar dessa deslealdade de parceiros, a autora não seguiu atuante e incansável no meio literário, jornalístico e intelectual brasileiro e na luta pela emancipação feminina, aconselhando mulheres a trabalharem e a terem sua própria fonte de renda para não dependerem dos homens, criticando filósofos misóginos, contestando a falta de educação para as mulheres, mas, sobretudo, o tipo de educação que recebiam em casa, destinada apenas ao casamento e à futilidade. Desde sua morte, em 1934, foi gradativa e injustamente aliada da memória e história literárias, processo que esta coleção de Obras Completas pretende reverter.

Sobre os organizadores

Anna Faedrich é doutora em Letras, com especialização em Teoria da Literatura (pucrs), professora de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense (uff) e coordenadora do projeto de pesquisa *Literatura de autoria feminina na belle époque brasileira: memória, esquecimento e repertórios de exclusão*. É autora de *Teorias da autoficção* (eduerj, 2022) e *Escritoras silenciadas* (Macabéa/ Fundação Biblioteca Nacional, 2022).

Rafael Balseiro Zin é sociólogo e doutor em Ciências Sociais, pela puc-sp, onde atua como pesquisador no Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (Neamp/cnpq). Nos últimos anos, entre outros temas, tem se dedicado a investigar a trajetória intelectual das escritoras abolicionistas no Brasil, com especial atenção ao legado de Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de Almeida.

Trecho do livro

- **Um debate sobre a abolição em uma família escravista**
 - — A vida agora no Brasil é um inferno. Em São Paulo, um tal Luiz Gama e outro que tal Antônio Bento especulam com os pobres dos lavradores, tirando-lhes os escravos. Os jornalistas do Rio são a mesma corja. Eles acoitam os pretos fugidos para os alugarem por sua conta e irem fazer conferências públicas, nos teatros, pregando a emancipação! É por isso que a gente séria, os chama de “pescadores de águas turvas”. José do Patrocínio é o chefe dessa bandalheira, que, se o país tivesse governo, já teria acabado. É por isso mesmo que muitos liberais e muitos conservadores estão se passando para o partido republicano...
 - Otávio estremeceu, mas absteve-se de falar. Deixaria passar a onda amarga em silêncio. Reservava-se para depois.
 - Supunha poder demolir pouco a pouco o brônzeo egoísmo do pai e vê-lo enfim cooperar na grande obra de humanidade e patriotismo. Precisava procurar com cuidado as ocasiões propícias para o completo desenvolvimento da sua ideia. Naquele momento tudo seria inútil; o comendador, muito exaltado, não o escutaria, e ele era incapaz nesse dia de sustentar com o velho, para cujos braços voltava cheio de alegria, uma questão qualquer. Susteve-se, enquanto o pai continuava amaldiçoando o tempo dos abusos e dos ataques à propriedade alheia!
 - Se eles se lembrarem de vir a Santa Geneveva — exclamava —, os bandidos dos abolicionistas, eu sei como os hei de receber: a tiro! Defendo a minha propriedade, estou no meu direito. A culpa é também das autoridades, que não amoldam esses cachorros dos jornais que latem, latem para os outros morderem! Nesse ponto, bateram de manso à porta, e uma voz de mulher perguntou de fora:
 - Dá licença, meu tio?
 - Mau, lá vem a lambisgoia!... Entre! Otávio levantou-se, e recuando um pouco, encostou-se

ao piano; a porta, impelida docemente, deu passagem à mesma pessoa que ele vira de costas, dando milho às aves.

— Você chegou em bem má ocasião... — disse o comendador secamente.

— Demoro-me pouco... Otávio não fora notado e observava com atenção a recém-chegada. Era uma mulher nova, esbelta, morena, de fartos cabelos negros, rosto oval, olhos franjados por longas pestanas, feições regulares sem serem belas, andar firme, cabeça erguida sem afetação. Tinha a voz grave, a atitude serena. Vestia com simplicidade o seu vestido de percale, escrupulosamente ajustado.

— Que temos? — indagou o tio.

— Venho pedir-lhe que perdoe ao Manoel Sabino; ele promete ser obediente daqui por diante. Mande tirar-lhe os ferros, sim?

— Asneira! Deixe-se disso, que não é da competência das moças. Se não quiser ver o negro com os ferros, não olhe para ele. Era o que faltava!

— Não olho, mas nem assim deixo de saber que os traz. O comendador deu uma gargalhada. Pelos olhos de Eva passou um relâmpago de indignação, mas conteve-se e um sorriso de desdém arqueou-lhe os lábios.

— Já não sei quantas vezes tenho, a seu pedido, perdoado faltas dos escravos! Olhe, é melhor que se vá preparar para o jantar; aqui está meu filho, que chegou hoje, e espero amigos nesta meia-hora...

Eva voltou os olhos para Otávio, a quem cumprimentou friamente, sem avançar um passo; depois, num tom de quem se desculpa, disse:

— Eu não sabia da sua chegada; venho neste momento...

— De alguma senzala — interrompeu com ironia o tio.

— É verdade — confirmou ela —, de uma senzala. Fui ver a Josefa, que está doente. À saída encontrei o Manoel, que me pediu que o apadrinhasse; prometi vir em seu socorro e atravesssei logo para aqui...

— Não deve prometer o que não pode cumprir. Eva olhou para o primo, como a pedir-

lhe auxílio; Otávio, aproximando-se do fazendeiro, disse, comovido:

— A minha chegada justificará a clemência que tiver para com ele; em nome da grande alegria de nos tornarmos a ver, peço-lhe, meu pai, que atenda aos rogos da prima Eva. O comendador fingiu refletir um momento, e, voltando-se para a sobrinha, disse:

— Está bom! Por hoje perdoo, mas não torne a fazer semelhantes pedidos; não torne a fazer!

— Obrigada — e Eva saiu da sala sem precipitação.

Otávio sentiu avivar-se-lhe a curiosidade a respeito da história daquela prima, que não conhecera nunca, e que vinha encontrar debaixo do teto paterno, tratado por uns como um anjo, e por outros como um demônio. Avaliou um momento a triste posição de Eva, recebendo por caridade a sombra de um telhado e o pão de um velho e encarniçado inimigo de seu pai. Absteve-se, contudo, de qualquer pergunta naquela ocasião em que via o comendador excitado contra ela; pensou sensatamente que qualquer informação seria apaixonada, e reservou-se para mais tarde, quando o visse de ânimo tranquilo. E no fundo do seu espírito havia já a convicção de que a opinião de Noêmia era a justa: “Eva é um anjo!”, dissera ela, e ele compreendia-a depois de ter presenciado aquela cena.

Só os anjos arrostam com a má vontade dos poderosos a favor dos fracos e dos oprimidos; só os anjos suportam injúrias com humildade quando a causa que advogam é a dos desgraçados.